

Debates parlamentares – o clero e a luta pela jornada de dez horas – fome

KARL MARX*

Londres, 25 de fevereiro de 1853.

Os debates parlamentares desta semana ofereceram pouca coisa de interesse. No último dia 22, o sr. Spooner propôs, na Câmara dos Comuns, a revogação dos subsídios em dinheiro para o Catholic College em Maynooth, e o sr. Scholefield propôs uma emenda “para revogar todas as iniciativas legislativas em vigor, em que a receita do Estado seja cobrada em auxílio de qualquer propósito eclesiástico ou religioso”. A moção do sr. Spooner foi derrotada na votação por 192 votos contra 162. A emenda do sr. Scholefield não será colocada em discussão antes da próxima quarta-feira, contudo, não é improvável que seja retirada por completo. A única passagem digna de nota no debate sobre o colégio Maynooth foi uma observação do sr. Duffy (Brigada Irlandesa):¹ Ele não considera completamente impossível que o presidente dos Estados Unidos ou o novo Imperador dos franceses se sintam felizes em renovar as relações entre aqueles países e o sacerdócio irlandês.

Na sessão da noite passada, Lorde Russell apresentou à Câmara dos Comuns sua moção pela “retirada de algumas interdições que recaem sobre os súditos judeus de Sua Majestade”. A moção foi aprovada por uma maioria de 29 votos. Assim, a questão foi outra vez solucionada na Câmara dos Comuns, mas não resta qualquer dúvida de que ela se tornará mais uma vez não resolvida na Câmara dos Lordes.

* Fonte: *Marx Engels On Britain*, Progress Publishers, 1953. Título original: “Parliamentary debates – the clergy and the struggle for the ten-hour day – starvation”. Publicado originalmente no *New York Daily Tribune*, em 15 de março de 1853. Tradução de Muniz Ferreira.

1 Representação irlandesa no parlamento britânico.

A exclusão dos judeus da Câmara dos Comuns, após o espírito da usura ter predominado por tanto tempo no Parlamento Britânico, é inquestionavelmente uma anomalia absurda, tanto mais pelo fato de que eles já se tornaram elegíveis para o exercício de todas as funções civis no seio da comunidade. Não menos característico do homem e do momento é o fato de que, ao invés da prometida Reforma Legislativa que retiraria as interdições que recaem sobre as massas do povo inglês, foi apresentada uma proposição por John Russell (*Finality John*),² visando a retirada das interdições, exclusivamente para o Barão Lionel de Rothschild. O quão insignificante é o interesse por este assunto para o grande público pode ser inferido do fato de que de lugar algum da Grã-Bretanha foi encaminhada ao Parlamento uma petição em favor dos judeus. Todo o segredo desta miserável farsa de reforma foi traído pelo discurso de Sir Robert Peel.

No fim das contas, a Casa só estava considerando os assuntos privados do Lorde. [Altos aplausos] O nobre Lorde representou Londres como um judeu [aplausos] e se comprometeu a apresentar anualmente uma moção em favor dos judeus. [Ouçam!] Sem dúvida o Barão Rothschild é um homem muito rico, porém isto não lhe dá direito à nenhuma consideração especial, sobretudo se levarmos em conta a maneira como a sua fortuna foi acumulada. [Gritos altos de “ouçam, ouçam” e “Oh! Oh! Vindos dos assentos ministeriais.] Somente ontem, às 9h ele leu nos jornais que a casa de Rothschild consentiu em conceder um empréstimo à Grécia, com garantias consideráveis. [Ouçam!] Não é de admirar, nesta pegada, que a casa de Rothschild seja opulenta. [Ouçam!] O presidente da Junta Comercial havia falado em amordaçar a imprensa. Porque ninguém havia feito tanto para rebaixar a liberdade na Europa quanto à casa de Rothschild [Ouçam, ouçam!] por meio dos empréstimos com os quais auxiliam os poderes despóticos. Mas, mesmo supondo ser o Barão tão digno quanto seguramente é rico, era de se esperar que o nobre Senhor, que representava naquela Casa um governo composto por líderes de todas as correntes políticas que se opuseram à última administração, propusesse alguma iniciativa de importância maior do que a presente.

Os procedimentos acerca das petições eleitorais foram iniciados. As eleições para Canterbury e Lancaster foram declaradas nulas e inválidas, sob circunstâncias que comprovam a habitual venalidade de parte de uma certa classe de eleitores, mas é bastante seguro que a maioria dos casos será ajustada através de compromisso. Afirma o *Daily News*,

As classes privilegiadas que contribuíram de maneira bem-sucedida para frustrar as intenções da Lei de Reforma e recuperar sua ascendência sobre a representação

2 *Finality John*: Este apelido irônico foi dado a John Russel após ele haver declarado que a Reforma de 1832 era o ponto final do desenvolvimento constitucional da Inglaterra.

atual, encontram-se naturalmente alarmadas com a ideia de uma exposição total e completa.

No último dia 21, Lorde Russell renunciou aos selos do Ministério das Relações Exteriores e Lorde Clarendon foi empossado como seu sucessor. Lorde John é o primeiro membro da Câmara dos Comuns a ser admitido a um assento no Gabinete sem qualquer indicação oficial. Ele agora é apenas um conselheiro privilegiado, sem função e sem remuneração. Observem, no entanto, que o sr. Kelly já ofereceu uma proposta para remediar o último inconveniente da situação do pobre Johnny. A Secretaria de Assuntos Estrangeiros é atualmente a mais importante do governo, no momento em que a Dieta germânica se propôs a pedir remoção de todos os refugiados políticos da Grã-Bretanha, ao mesmo tempo que os austríacos se propõem a nos empacotar e transportar para alguma árida ilha no Pacífico Sul.

Em uma carta anterior foi feita alusão à possibilidade da agitação irlandesa pelos direitos dos arrendatários se converter, com o tempo, em um movimento anticlerical, não obstante as visões e intenções de seus atuais líderes. Argumentei, mencionando o fato de que o alto clero já começou a adotar uma atitude hostil em relação à Liga.³ Outra força entrou em cena, pressionando o movimento na mesma direção. Os latifundiários do norte da Irlanda pretendem persuadir os seus arrendatários de que a Liga dos Arrendatários e a Liga de Defesa Católica⁴ são idênticas e que atuam para erguer uma oposição à anterior, sob o pretexto de resistirem ao progresso do papado.

Enquanto vemos os proprietários irlandeses apelando aos seus arrendatários contra o clero católico, contemplamos, por outro lado, o clero protestante inglês apelando às classes trabalhadoras contra os senhores donos das fábricas. O proletariado industrial da Inglaterra renovou com duplo vigor sua antiga campanha pelo projeto de lei das dez horas e contra o *sistema de adiantamentos e descontos abusivos*. Como demandas desse tipo serão apresentadas à Câmara dos Comuns, à qual já foram apresentadas inúmeras petições sobre o assunto, haverá uma oportunidade para que eu me debruce, em uma futura carta, sobre as práticas cruéis e infames dos déspotas fabris, que costumam fazer com que a imprensa e a tribuna (parlamentar) reverberem sua retórica liberal. Por enquanto, basta lembrar que, a partir de 1802, houve uma luta contínua por parte dos trabalhadores ingleses por

3 A Liga pelos Direitos dos Arrendatários foi fundada em 1850 por um grupo de liberais irlandeses. Seu programa se mantinha nos limites de uma reforma burguesa moderada do sistema agrário. Não obstante, ela suscitou uma feroz oposição da parte do alto clero católico irlandês e dos latifundiários.

4 A Associação de Defesa Católica (Catholic Defence Association) foi criada na Irlanda em 1823 por Daniel O'Connell, líder dos liberais irlandeses, em estreita cooperação com o clero católico irlandês. Fazendo uso demagógico da demanda popular para abolir as interdições políticas contra os católicos, O'Connell levou o movimento nacional irlandês a uma série de compromissos com o grupo governante inglês.

interferência legislativa na duração da jornada de trabalho nas fábricas, até que em 1847 a célebre Lei das Dez Horas de John Fielden foi aprovada, graças à qual jovens e mulheres eram proibidos de trabalhar em qualquer fábrica por mais de dez horas por dia. Os industriais liberais descobriram rapidamente que, com esse ato, as fábricas poderiam funcionar por turnos e revezamentos. Em 1849, uma ação legal foi levada à Corte de Apelação e o juiz decidiu que a adoção do sistema de turnos ou revezamento, usando dois conjuntos de crianças, com os adultos trabalhando durante todo o espaço de tempo durante o qual as máquinas estivessem funcionando, era legal. Tornou-se, assim, necessário recorrer ao Parlamento mais uma vez, e em 1850 o sistema de revezamento e turno foi condenado ali, mas a Lei das Dez Horas foi transformada em uma Lei das Dez Horas e Meia. Neste momento as classes trabalhadoras exigem uma restituição integral do projeto de lei original de dez horas; porém, para torná-lo eficiente, elas acrescentam a demanda de uma restrição da potência móvel das máquinas.

Essa é, em resumo, a história exotérica da Lei das Dez Horas. Sua história secreta é a seguinte: a aristocracia fundiária, tendo sido derrotada pela burguesia através da aprovação do projeto de lei de Reforma de 1831, e sendo assaltada em “seus interesses mais sagrados” pelo grito dos produtores em favor do livre-comércio e da abolição da Lei dos Cereais, resolveu resistir à classe média esposando a causa e as reivindicações dos trabalhadores contra seus patrões, abraçando, em particular, suas demandas pela limitação do trabalho industrial. Os chamados lordes filantropos estavam então diante de todos os comícios pela jornada de trabalho de dez horas. Lorde Ashley chegou até a adquirir renome devido às suas *performances* naquele movimento. A aristocracia fundiária, que recebera um golpe mortal com a abolição efetiva da Lei dos Cereais em 1846, se vingou ao impor ao parlamento o Projeto das Dez Horas em 1847. Contudo, a burguesia industrial recuperou, através da autoridade judiciária, o que havia perdido pela legislação parlamentar. Em 1850, a ira dos senhores da terra arrefeceu gradualmente e eles estabeleceram um compromisso com os capitães da indústria, condenando o sistema de turnos, mas ao mesmo tempo impondo às classes trabalhadoras, como uma penalidade pela aplicação da lei, meia hora de trabalho extra por dia. No momento atual, no entanto, à medida em que sentem a aproximação da batalha final contra os homens da Escola de Manchester, eles tentam mais uma vez realizar os movimentos de curta duração, sem, contudo, se atrever a se exporem; eles se esforçam para debilitar os reis do algodão, direcionando a energia popular contra eles por meio do clero da igreja oficial. A maneira rude através da qual estes santos homens tomaram a cruzada anti-industrial em suas mãos pode ser conhecida através destes poucos exemplos: em ato público pela jornada de dez horas, sob a presidência do reverendo dr. Brammell (da Igreja Oficial), o rev. J. R. Stephens, titular de Stalybridge, afirmou:

Houve épocas na história em que as nações eram governadas pela teocracia. Aquele estado de coisas não existe mais... Ainda assim, o espírito da lei era o mesmo...

O trabalhador devia, em primeiro lugar, participar dos frutos da terra, dos quais ele era o meio de produção. O direito industrial foi tão desavergonhadamente violado que o inspetor-chefe daquela parte do distrito industrial, sr. Leonard Horner, se viu diante da necessidade de escrever para o secretário do Interior para dizer que ele não ousaria enviar qualquer de seus subinspetores a certos distritos até que obtivesse proteção policial... E proteção contra quem? Contra os donos das fábricas! Contra os homens mais ricos do distrito, contra os magistrados do distrito, contra os homens que possuem a comissão de sua Majestade, contra os homens que tinham assento nos tribunais como representantes da Realeza... *E por acaso os patrões pagavam por suas violações da lei?*... Em seu próprio distrito, havia um costume estabelecido, segundo o qual os homens e, em certa medida também as mulheres trabalhadoras, permaneciam na cama até as nove, dez ou onze horas aos domingos porque estavam esgotados pelo trabalho da semana. Domingo era o único dia no qual podiam descansar seus corpos extenuados... Era comum que, quanto mais longa a jornada de trabalho, menores eram os salários... *Era preferível ser um escravo na Carolina do Sul a um operário fabril na Inglaterra.*

No comício de Burnley pela jornada de dez horas, o reverendo E. A. Verity, encarregado de Habbergham Eaves, disse ao seu público, entre outras coisas:

Onde estava o sr. Cobden, onde estava o sr. Bright, onde estavam os demais membros da Escola de Manchester quando o povo de Lancashire estava sendo oprimido? Qual era a finalidade do pensamento do homem rico? Ora, ele estava planejando como poderia fraudar as classes trabalhadoras em uma ou duas horas. Era esta a maquinação daquilo que ele chamava de Escola de Manchester. Isto fez deles *hipócritas astutos e patifes astuciosos*. Na qualidade de ministro da Igreja da Inglaterra, ele protestou contra este tipo de coisa.

O motivo, que tão subitamente metamorfoseou os senhores da Igreja Estabelecida em tantos cavaleiros errantes dos direitos dos trabalhadores, e cavaleiros tão fervorosos também, já foi assinalado. Eles não estão apenas acumulando um estoque de popularidade para os dias chuvosos da democracia que se aproximam, eles estão não apenas conscientes de que a Igreja Estabelecida é essencialmente uma instituição aristocrática, que deverá sobreviver ou sucumbir com a oligarquia territorial – há alguma coisa a mais. Os homens da Escola de Manchester são contra a Igreja Oficial, eles são dissidentes. Eles são, acima de tudo, tão profundamente enamorados dos 13 milhões de libras anualmente subtraídos de seus bolsos pela Igreja Oficial apenas na Inglaterra e no País de Gales, que estão decididos a realizar uma separação entre estes milhões profanos e as ordens sagradas, para melhor qualificar estas últimas para os céus. Portanto, senhores, os reverendos estão lu-

tando *pro aris et focis*.⁵ Logo, os homens da Escola de Manchester precisam inferir desta manobra de diversão que eles serão incapazes de subtrair o poder político das mãos da aristocracia, a menos que consintam, mesmo que com relutância, a conceder ao povo sua plena participação no processo.

No continente, enforcamento, fuzilamento e deportação estão na ordem do dia. Mas os carrascos são eles mesmos seres tangíveis e enforcáveis, e suas ações são registradas na consciência de todo o mundo civilizado. Ao mesmo tempo atua na Inglaterra um déspota invisível, intangível e silencioso, que condena indivíduos, em casos extremos, à mais cruel das mortes, e conduzindo silenciosamente, todos os dias, raças e classes inteiras de homens para fora do solo de seus antepassados, como o anjo que com sua espada de fogo expulsou Adão do Paraíso. Em sua forma derradeira, o trabalho do déspota invisível se chama *emigração forçada*, em sua forma inicial ele se chama *fome*.

Alguns novos casos de inanição ocorreram em Londres no presente mês. Recordo-me apenas do de Mary Ann Sandry, de 43 anos, que morreu em Coal-lane, Shadwell. Thomas Peene, o cirurgião, auxiliando no inquérito do legista, disse que a falecida morreu de fome e exposição ao frio. A falecida estava deitada em um monte de palha, sem a menor cobertura. O cômodo era completamente destituído mobiliário, aquecimento ou comida. Cinco crianças pequenas estavam sentadas no chão nu, chorando de fome e frio ao lado do corpo da mãe.

Em breve meu novo trabalho sobre a *emigração forçada*.

5 Por seus altares e lareiras, ou seja, por tudo aquilo que é sagrado para eles.